

A PEDAGOGIA É A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO E NÃO SUAS ADJETIVAÇÕES

Suzete Terezinha Orzechowski¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO
Doutora em Educação, PUC/PR – UNED/Madrid. Professora na UNICENTRO,
Guarapuava, Paraná, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000.0001.8368.0117>. E-mail: suziorze@gmail.com.

Margareth de Araújo²

Universidade Federal Fluminense – UFF
Doutora em Educação, UNICAMP/SP. Professora na UFF, Niterói, Rio de Janeiro,
Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0009-007-9870-2404> E-mail:
margarethmartins@id.uff.br

RESUMO

O texto é fruto das análises bibliográficas e de contextos reais em que a Pedagogia é fundamento para a prática educativa e educacional orientando as intencionalidades da educação para além do contexto escolar. De onde encontramos os adjetivos, os quais trazem um complemento para definir a ciência pedagógica? Nosso objetivo é socializar a discussão e gradativamente contribuir para as reflexões que se fazem nos cursos de formação de Pedagogos. A investigação com abordagem qualitativa congrega ideias de autores renomados na elaboração da análise crítica sobre a Pedagogia e seu objeto cogitado.

Palavras-chave: Pedagogia; ciência; educação; adjetivações.

PEDAGOGY IS THE SCIENCE OF EDUCATION AND NOT ITS ADJECTIVES

ABSTRACT

The text is the result of bibliographic analyzes and real contexts in which Pedagogy is the foundation for educational and educational practice, guiding the intentions of education beyond the school context. Where do we find the adjectives, which bring a complement to define the pedagogical science? Our objective is to socialize the discussion and gradually contribute to the reflections that are made in the training courses for Pedagogues. The investigation with a qualitative approach brings together ideas from renowned authors in the elaboration of a critical analysis of Pedagogy and its considered object.

Keywords: Pedagogy; science; education; adjectives.

LA PEDAGOGIA ES LA CIENCIA DE LA EDUCACION Y NO SUS ADJETIVOS

RESUMEN

¹ Doutora em Educação, PUC/PR – UNED/Madrid. Professora na UNICENTRO, Guarapuava, Paraná, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000.0001.8368.0117>. E-mail: suziorze@gmail.com.

² Doutora em Educação, UNICAMP/SP. Professora na UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: E-mail: margarethmartins@id.uff.br.

El texto es el resultado de análisis bibliográficos y contextos reales en los que la Pedagogía es el fundamento de la práctica educativa y educativa, orientando las intenciones de la educación más allá del contexto escolar. ¿Dónde encontramos los adjetivos, que aportan un complemento para definir la ciencia pedagógica? Nuestro objetivo es socializar la discusión y contribuir paulatinamente a las reflexiones que se realizan en los cursos de formación de Pedagogos. La investigación con enfoque cualitativo recoge ideas de reconocidos autores en la elaboración de un análisis crítico sobre la Pedagogía y su objeto de consideración.

Palabras clave: Pedagogía; ciencia; educación; adjetivos.

INTRODUÇÃO

A Pedagogia como a ciência, que tem por objeto de estudo e investigações a educação, apresenta-se multifacetada com especificidades em seus diferentes contextos, níveis e modalidades. Se, não, vejamos: a educação que percorre toda a estrutura e sistematização da escola descrita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, considerada como uma educação formal, que atende desde a educação infantil até a educação do ensino médio, revela dinâmicas, metodologias, práticas e concepções teóricas bem específicas para cada etapa/nível da educação básica. Depois, a educação superior com suas necessidades e configurações distintas, identifica concepções e pressupostos diversos para uma educação garantida pelo Estado brasileiro ou pela educação privada. Ao vislumbrar o nosso sistema educacional, já escreveu Libâneo *et al* (2005), que tal sistema é fragmentado e dentro de uma racionalidade técnica vai se tornando cada vez mais especializado dentro das competências e habilidades, conforme os ditames de empreendedores que já compõem o Ministério da Educação (MEC), neste último governo, 2023. Nesta estrutura identificada na LDB nº 9394/96 como Educação infantil, básica, superior e pós-graduação, é possível verificar a existência de muitos processos escolares que demandam uma gama de modalidades, por exemplo: na educação básica se apresentam como modalidades a educação de jovens e adultos, a educação profissional, a educação especial e ainda a educação a distância. Quando se avaliam as etapas e as modalidades já se evidenciam, dependendo do Estado, outras especificidades educacionais: atendimento escolar hospitalar, educação infantil (Berçário – menores de 2 anos, Maternal I – 2 anos, Maternal II – 3 anos, Jardim I – 4 anos, Jardim II – 5 anos), ensino fundamental (Anos iniciais – 1º ao 5º ano e Anos finais – 6º ao 9ºano), Ensino Médio (“Novo” Ensino médio, Ensino médio técnico), Educação Especial (inclusão escolar e atendimento especializado), Educação de Jovens e Adultos (fundamental e médio), Educação profissional (formação inicial – EM

e continuada ou qualificação profissional subsequentes, educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação), Educação Superior (ensino, pesquisa e extensão) e Educação a Distância (ensino médio, ensino superior, educação profissionalizante).

É inegável que nosso sistema educacional é bem diverso. E, diante desta multiplicidade, imprescindível seria a qualificação na formação de professores e pedagogos para atuarem em contexto escolar. Mas, acrescentamos a esta discussão uma demanda que está sendo identificada pelo processo social que a humanidade vai constituindo e na qual a educação passa a ser um objeto de estudo para além do contexto escolar. E, diante disso, a LDB nº 9394/96 traz em seu artigo 1º que a educação abrange os aspectos formativos da família, da convivência em sociedade, do trabalho etc. Junta-se a isso os artigos 4º e 5º da Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)s, de 2006, sobre a atuação do pedagogo em espaços não-escolares. E o que trazia a Resolução nº 02/2015 no artigo que indicava a formação para “outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”. Ou seja, a formação de professores e de pedagogos já vem sendo indicada para atendimento além dos espaços escolares. A Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP) nº 2, de 20 de dezembro de 2019, revoga a de 2015 e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Sobre esta Resolução muitas críticas e os pronunciamentos dos diversos organismos de representatividade entre professores e instituições formativas de pedagogos, que solicitam sua revogação é uníssona.

Interessa observar na análise as muitas demandas advindas da realidade não-escolar para o trabalho do pedagogo na educação corporativa, na saúde, nas instituições não governamentais, em programas de assistência municipais e estaduais, em espaços culturais e recreativos. Nestes espaços, a pedagogia vai ganhando adjetivos: pedagogia empresarial, hospitalar, empreendedora, financeira, do amor, do afeto, de adultos, da infância etc. Lembremo-nos que a Pedagogia vem associada aos estudiosos e suas correntes, por exemplos: pedagogia Freiriana ou do Oprimido, de Waldorf, de Freinet, Montessoriana, pedagogia crítica, histórico-crítica, tradicional, libertária, libertadora, progressista etc. É neste contexto que se exploram especificidades na consolidação da Pedagogia.

Apontados os fundamentos políticos e aproximando-nos das pedagogias várias, esperamos compartilhar com os leitores algumas ideias da ciência pedagógica. A seguir, trataremos da cultura científica e como a ciência pedagógica vai se estruturando. Convenientemente, vamos alicerçar nossos “contrafogos” com análise sobre uma ciência pedagógica que está para além do espaço escolar e, sem abandonar o processo educacional que acontece na escola, agrega o estudo sobre o objeto da educação para outros espaços sem se perder nas adjetivações. Ao final, apresentamos nossas considerações apontando espaços educativos de onde a educação está se dando para ser analisada.

A cultura da ciência e a ciência pedagógica

É sempre notável como as argumentações sobre o conceito de ciência traz à tona a fragmentação do conhecimento que a partir das ideias de Descartes (1596-1650) imprimiu uma racionalidade técnica na observação metódica e sistemática sobre o objeto de conhecimento. Tal observação poderá ser colocada em prática considerando as partes a serem observadas, facilitando ao pesquisador a sua investigação. Esse exercício de observação por partes confere ao processo investigativo um movimento fragmentado sobre o objeto a ser investigado. Nessa dinâmica fragmentada encontram-se análises que se desenvolvem dentro de um modelo de supervalorização dos campos de conhecimento, os quais visam analisar os aspectos específicos da realidade investigada. Entretanto, as críticas ao processo fragmentado indicam que, se por um lado pode trazer inferências específicas, por outro contribuiu para a separação e afastamento entre as áreas de conhecimento que reforçam um enclausuramento científico ou diminuem as possibilidades de diálogo e o processo de integração entre as áreas de conhecimento.

Historicamente, são vários os pensadores que buscam compreender o processo da construção do conhecimento na relação entre homem e natureza. A inquietude constante em identificar como se chega à verdade identifica-se com a racionalidade e com a rigorosidade científica, de onde as ciências “duras”, chamadas de exatas, acabam por fortalecer a experimentação e a neutralidade científica. Émile Durkheim (1858-1917) defendeu a descrição dos fatos sem opiniões ou ideias do pesquisador nas análises, assim se entendeu a neutralidade na investigação. E as considerações vão se ampliando na busca pelo aprimoramento das análises.

É neste contexto de consolidação das ciências que a Pedagogia é tratada como a ciência da educação e Johann Friedrich Herbart (1776-1841) a propõem como disciplina acadêmica e a identifica, na sua concepção, como a “ciência da instrução” (SANTORO FRANCO, 2008). Aponta a autora que a história da Pedagogia é também rica em reações, desvios a essa perspectiva de ser apenas a ciência da instrução escolar (SANTORO FRANCO, 2008, p. 59). Pestalozzi e Froebel, atentos à educação como promotora da liberdade e sensíveis à ludicidade, não perdem de vista a educação caracterizada pela intervenção socioeducativa. Esta, impregnada de cultura e de ações em processo nos diferentes contextos sociais que historicamente se constituem realidades concretas, as quais, Schiller (1759-1805) considera ao opor-se ao utilitarismo, aproximando-se dos ideais estéticos e mais políticos para uma educação mais reflexiva e transformadora. A Pedagogia como processo científico que traz a instrução em seu fundamento acaba por delinear uma prática da arte do ensino. São relevantes os processos cognitivos que são aprofundados pela psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, como o são os processos instrucionais que em meio a técnicas e métodos consolidam o exercício da prática pedagógica, entretanto, para a Pedagogia, perder sua essência de prática social ideológica é perder parte da sua identidade (SANTORO FRANCO, 2008, p. 59). Esse sentido de uma ciência com análise cada vez mais crítica revela-se nas condições materiais onde se produzem as práticas educativas e expressam as políticas que as consolidam. É assim a Pedagogia uma ciência que veio se apoiando na filosofia, na sociologia, na psicologia, às vezes pelo viés do instrumental e, em outros momentos, pelo viés da análise crítico-emancipatória. Segundo Santoro Franco (2008), essas tendências se misturam e coexistem em tempos históricos distintos. Importa compreender a evolução do conceito e seu inegável deslocamento das ciências “duras”. A Pedagogia é uma ciência da práxis, da qual se destaca a relação sujeito-objeto que em um processo dinâmico, multifacetado, inclusivo e inconcluso recria e transforma a práxis educativa para a efetiva emancipação dos sujeitos. Portanto, a Pedagogia que tem por objeto a educação, nela se revela a práxis que transforma.

No limite das potencialidades e fronteiras da Pedagogia, quando consideramos seu objeto de análise, a educação, identificamos neste objeto as possibilidades que se delineiam nos “campos de atuação” que, segundo Bordieu (2002), é o espaço, o

lugar onde aqueles que pertencem a um “campo intelectual” efetivam suas ações. A educação está em diversos campos; destes, o escolar é um campo muito conhecido. Além do campo escolar, outros estão sendo identificados como bem se referem Camozzato e Costa (2013), indicando a “vontade de pedagogias” que trazem para o mesmo campo intelectual vários campos de atuação. Segundo as autoras, a Pedagogia vai corresponder ao conjunto de saberes e práticas postas em funcionamento para produzir determinadas formas de ser sujeito. A Pedagogia relaciona-se, assim, com o modo de conduzir os sujeitos, de operar sobre eles para obter determinadas ações, incitando a um governo de si e dos outros (CAMOZZATO e COSTA, 2013, p. 26). E a educação, objeto desta Pedagogia, não se processa em um único espaço ou da mesma forma. Salientam as autoras que a educação é uma “exigência social”. E, neste contexto, a Pedagogia que tem por seu objeto a educação, como ciência, se estabelece para uma sociedade pedagógica, apontada por Beilerot (1985), Libâneo (1999) e Santoro Franco (2008).

Com as transformações socioculturais e os redesenhos no mundo contemporâneo, a dessacralização da escola como espaço por excelência da educação parece acentuar algo que vai na contramão desse processo de negação da pedagogia que acabamos de expor. Quer dizer, nas dificuldades para educar num mundo com mudanças tão incisivas, mais pedagogias emergem para corresponder a novas necessidades. Pedagogias proliferam e são acionadas para refletir e aprimorar o desempenho das práticas de educação, aumentar suas chances de sucesso e as possibilidades de tornar os sujeitos educados e governáveis (CAMOZZATO e COSTA, 2013, p. 30).

A reflexão que as autoras trazem no texto se faz referenciada em Hannah Arendt (1906-1975) quando considera a educação como o processo de introdução do sujeito no mundo, porque ele nasce no mundo que já está, mas inacabado, assim apontou Paulo Freire, é um mundo dando-se! Portanto, há uma relação dialética no qual cada sujeito nascido será modificado e também modificará o mundo em cada tempo histórico.

Ao considerar a Pedagogia como a ciência da educação que se dá neste mundo e coexiste historicamente com os sujeitos que também estão no mundo, à Ciência caberá as análises sobre o objeto. E a Pedagogia pergunta: que mundo é este, o que se quer do mundo, quais as possibilidades, necessidades e interesses para transformar o mundo. Como a existência dos homens e mulheres no mundo podem

melhorar a convivência, a sua existência e o mundo poderá ser transformado. Este mundo será cada vez mais acolhedor, justo e colaborativo com homens e mulheres mais altruístas, menos egoístas; mais tolerantes e menos autoritários; que tipo de educação acontecerá para estes homens e mulheres? Qual será a práxis pedagógica que refletida, viabilizará a existência dos sujeitos no mundo. Portanto, é a Pedagogia a prática social que instrumentaliza o sujeito para estar no mundo a partir do projeto de educação que se tenha analisado e colocado em prática. É possível concordar que a Pedagogia busca, por meio do seu objeto, melhorar as condições da existência humana no mundo. Como também poderá reproduzir o mundo que já está, no qual homens e mulheres ainda estão expostos a uma lógica servil, colonialista, reprodutivista e alienante, onde poucos chegam à educação emancipadora que transforma a realidade e promove a liberdade.

Neste contexto, as pedagogias em suas adjetivações bem operam na escola e fora dela. A Pedagogia aliada ao seu objeto de análise, a educação, está presente em todos os espaços e tempos. Brandão (2007) já escreveu: “ninguém escapa da educação” e, portanto, a educação é um processo social que está para todos, em todas as partes e sob muitas perspectivas. Evidente que tal objeto ao ser analisado cientificamente mostra-se multifacetado, muitas vezes enviesado, outras vezes revolucionário que pelas ruas se manifesta com suas lutas, num movimento insurgente, como lembra as autoras Santoro Franco, Mota e Silva (2021). Assim, a partir de um objeto que vai se dando para as análises da Pedagogia, a ciência também existe em constante movimento vivo. Assim é a Pedagogia, uma ciência que estuda seu objeto vivido, vivenciado e vivificado, porque não se processa na neutralidade e não se dinamiza na fragmentação.

Por uma pedagogia que é sempre social sem perder-se nas adjetivações

É comum observarmos, em encontros científicos, a defesa da formação mais ampla para o pedagogo a partir unicamente das necessidades mercadológicas que juntam-se às DCNs de 2006, e assim justifica a possibilidade de formação em especializações, para atender à ampliação do campo de trabalho na Pedagogia. Dessa forma, as justificativas mercadológicas ganham aceitação e adeptos. No

entanto, existem contradições que possibilitam olhar além do processo produtivista, e da própria Diretriz de 2006. Anunciam-se alternativas, que passam a ser exploradas pelos pesquisadores interessados em dar continuidade à discussão e vários são os pontos merecedores de análise e crítica.

Para o momento, interessa o recorte sobre uma educação contextualizada aos dilemas e desafios da contemporaneidade, pois tais intersecções acontecem no espaço escolar e não-escolar. A Diretriz para o curso de Pedagogia de 2006 traz, em seu inciso IV, que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto também a “trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”. Tais níveis e modalidades geralmente estão contextualizados na educação escolar, bravamente algumas instituições, em seus currículos formativos, contemplam a educação em espaços não-escolares como numa aldeia indígena, num acampamento de sem-terra ou numa comunidade quilombola.

Ao respeitar o movimento histórico de consolidação da ciência pedagógica, já lembramos que Libâneo (1999) evidencia o conceito de “sociedade pedagógica”, na qual estamos todos inseridos. Mais adiante, Santoro Franco (2008) identifica a necessidade da “pedagogização dos espaços educativos”. Notadamente, estes apontamentos denotam a conceituação de intencionalidade educativa que vai se identificando para além do espaço escolar. Tal intencionalidade, já seriamente trabalhada por Saviani (2002), aponta que é a Pedagogia que problematiza a educação de forma intencional. Portanto,

Pedagogia é uma ciência que tem por objeto de estudo a educação em sua dialeticidade. Ciência, porque investiga um objeto que lhe é próprio – a educação enquanto práxis social humana situada historicamente; e o faz com um método crítico-dialético que lhe é próprio – que lhe permite desvendar o conflito de interpretações e de interesses do seu objeto; com intencionalidade própria – apontar transformações necessárias às práticas educativas sociais que impedem a humanização do humano (PIMENTA, 2021, p. 927).

É neste contexto que se encontra a Pedagogia como ciência da educação, objeto multifacetado que integra hodiernamente muitos espaços, os quais, além da escola, também educam nas ONGs, brinquedotecas, hospitais, educação corporativa nos ambientes empresariais, penitenciárias, educandários, museus, mídias, programas (municipais e estaduais) atendidos pelas políticas públicas como o Serviço

de Fortalecimento de Vínculos Comunitários, instituições jurídicas etc. Enfim, são muitos os espaços que possibilitam e requerem (muitas vezes) a atuação do cientista da educação, o pedagogo. Diante desta realidade, salienta Franco (2008, p. 59):

Nessa sociedade que marca o início da contemporaneidade, percebe-se o papel inevitável da pedagogia que, como ciência da educação, há que se pautar pelos anseios do social, sem perder a dimensão máxima da emancipação humana, como projeto social, enaltecendo a dignidade do homem como conquista inalienável, por meio de mecanismos de mediação e superação, saber-se ideológica por princípio.

Entretanto, acreditar que também a escola e outras instituições da sociedade civil transformam a realidade sociocultural a partir do olhar sobre si mesmas, e que as práticas sociais podem ser objeto de um trabalho pedagógico socioeducativo, é um desafio. É imprescindível uma forte crença na pesquisa e na construção científica que serve para melhorar a formação humana e, concomitantemente, aprimorar a formação pedagógica para além da docência escolar entre os pedagogos. Pensar a Pedagogia para além da sala de aula, para além da docência escolar, para além do processo formal de educação, é olhar de novo o mesmo objeto, mas olhar de forma diferente. Ver, nesse momento, o processo de educação para fora e para dentro do campo que a circunscreve, refletindo constantemente sua epistemologia. Conforme Jorge Camors (2009), pesquisador uruguaio, é fundamental voltar à Pedagogia para repensar a educação e suas formas educativas que ora estiveram sustentadas na psicologia em outros momentos na economia, mas é a Pedagogia que pode e deve ser uma referência para imaginar e desenvolver a revolução na educação que se deseja. Assim, caminhamos para um aprofundamento na Pedagogia que vai se libertando do cerceamento que sofreu na história da educação, concentrando-se na educação que passou a ser escolarizada. Daí que importe tanto o aprofundamento na área de conhecimento da Pedagogia como campo de formação e como prática social transformadora. Libâneo, em 1999, afirmava:

Com efeito, a Pedagogia corresponde aos objetivos e processos do educativo. Justamente em razão do vínculo necessário entre a ação educativa intencional e a **dinâmica das relações entre classes e grupos sociais**, é que ela investiga os fatores que contribuem para a **formação humana em cada contexto histórico-social, pelo que vai constituindo e recriando seu objeto próprio de estudo e seu conteúdo – a educação**. Somente com esse entendimento é possível formular uma concepção do

educador, pois é a teoria pedagógica que pode, a partir da prática, formular diretrizes que darão uma direção à ação educativa (LIBÂNEO, 1999, p. 47-48).(grifos nossos)

A Pedagogia que se processa no tecido social fundamenta e constrói um caminho teórico-metodológico que ilumina a prática de pedagogos, professores e/ou educadores na escola e fora dela. Porém, nessa realidade é importante tomar um cuidado com as “adjetivações”. Afirmam Carreras e Molina (2006) que a Pedagogia enquanto campo de conhecimento trata de aprofundar-se nos aspectos que ela pode recriar-se e se desenvolver em espaços distintos. É importante perceber que se trata do mesmo campo de conhecimento, portanto os autores usam como exemplo a Pedagogia Hospitalar, pois tal denominação, na qual, adjetiva a pedagogia não deve ser utilizada, isso porque uma pedagogia não pode ser objeto de outra pedagogia. Aliás, o hospital é o espaço onde se leva a cabo uma educação para crianças hospitalizadas, onde a prática educativa ocorre contemplando um rol de cuidados protocolares diferentes dos que temos no espaço escolar, isso é verdade. Entretanto, não se promove uma outra pedagogia para analisar tal educação que sucede no contexto hospitalar. Para Carreras e Molina (2006), é a Pedagogia como campo científico que analisa o objeto da educação em diversos contextos, incluído os contextos não-escolares. Portanto, na educação que acontece no hospital, a ciência pedagógica promove o processo educacional em outro contexto sem perder sua essência.

Importa salientar que os espaços não-escolares são espaços que se oferecem, se abrem ao processo educativo para responder as demandas (muito diferentes) de sujeitos que requerem, necessitam e desejam participar de um processo educacional intencionado pedagogicamente. Nestes espaços, adentram pessoas preparadas para desenvolver o trabalho pedagógico: os pedagogos.

Os autores espanhóis ainda salientam que os espaços são objetivados para o processo educacional que ocorre de formas distintas em cada pessoa, em cada fase de desenvolvimento e a partir de cada contexto sociocultural e socioeducativo no qual ela se insere. Essa é uma crítica importante para pensar a Pedagogia como a ciência da educação, quando apontam ainda que essa adjetivação da Pedagogia é fruto também do esforço tecnológico por despersonalizar a educação, reduzindo-a às técnicas formativas que se adequam ao mercado, como se existisse uma pedagogia

para cada espaço. Daí que a Pedagogia evidencie sua relevância para os estudos sobre a educação intencional e sua epistemologia esteja comprometida com as análises em contínua evolução inserida no movimento das formações sociais e humanas, conforme Pimenta (2021).

Neste exercício reflexivo, os espaços poderiam identificar o processo requerido à educação? Por exemplo: educação no hospital ou educação hospitalar, educação no campo, educação indígena, educação inclusiva, educação tecnológica, educação corporativa, educação e saúde etc. Assim, a Pedagogia é a ciência que analisa o objeto – educação – que se dinamiza nos diferentes espaços socioeducativos e/ou socioculturais. Se for assim, não há “outra” Pedagogia! Não serão imprescindíveis os adjetivos para caracterizar a pedagogia, mas sim imperioso consolidar os estudos sobre sua epistemologia,

...cuja finalidade é proceder à análise (teórica) crítica das práticas educativas para nelas evidenciar as condições que contrariam a formação humana como direito dos humanos; nesse movimento de unidade, teoria e prática apontam as possibilidades para a práxis transformadora. É nesse sentido que compreendemos a importância do estatuto epistemológico da Pedagogia, porque, diferente das demais ciências que estudam a educação, ela tem um compromisso que é o de transformação das condições que geram a desigualdade. E esse movimento é científico, de pesquisa, de examinar as práticas educativas intencionais ou não, em quaisquer espaços da sociedade, institucionalizadas, como no caso das escolas, ou não. A ciência pedagógica realiza a análise crítica das práticas educativas, justamente para poder denunciar quando a educação como prática humana caminha na direção oposta ao direito à educação; como se formaram essas práticas, suas origens; buscar as raízes desses problemas, compreendê-los. Olha aí o movimento crítico-dialético, histórico, para apontarmos possibilidades de transformação e emancipação! É esse o movimento que tanto Dermeval Saviani como Paulo Freire nos convidam a fazer (PIMENTA, 2021, p. 929).

Exercitar nossa reflexão para compreender que a Pedagogia está para além do espaço escolar, incluindo-se no espaço social, é perceber o aparecimento, inclusive, das novas demandas de espaço e tempo, técnicas e conteúdos, bem como seus protocolos distintos para as intervenções pedagógicas. Daí também a necessidade de elaborações distintas dentro das metodologias e recursos didáticos. A ação deixa de ser uma ação técnico-pedagógico e se amplia para uma ação socioeducativa pedagogizada, que prescinde de uma formação, de uma reflexão sobre a prática, ou seja, de um arcabouço teórico que ilumina a prática e vice-versa. É nessa realidade que se encontram os pedagogos brasileiros, pois é inegável a necessidade de se

pensar uma prática pedagógica para além dos espaços formais da educação. É importante discutir, orientar ou delinear uma formação dos sujeitos que desejam atuar com o processo educativo fora do contexto formal da escola: no campo, na aldeia, na empresa, no hospital, na rua, nos movimentos sociais, na televisão e rádio, na internet, nos espaços de lazer, nos abrigos, nos albergues, nas penitenciárias, nos educandários, nas casas de recuperação, nas casas de “passagem”, nos espaços para idosos.

Para Suchodolski (1977), a Pedagogia é a ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa. A Pedagogia é uma ciência da prática social que se processa por meio da educação. Então, a educação não se reduz à relação educando – educador no interior de um processo pedagógico intraescolar. Ela se insere no processo social, como parte de um todo mais amplo, no qual encontramos a sociedade com seus dinamismos e conflitos. Importa assumir uma intervenção com o mínimo de intencionalidade, a qual é construída na formação. Mesmo sendo uma educação não-escolar e que pode alterar-se conforme a realidade e o momento histórico, exige-se uma intencionalidade, um eixo norteador que é o processo de emancipação social dos sujeitos envolvidos e articulados por meio do conhecimento socializado. É a Pedagogia um campo no qual se efetiva a educação intencional, que acontece quando problematizamos o processo educacional. Segundo Saviani (2002), isso acontece conosco porque não estamos contentes com a educação assistemática, pois nós queremos educar de modo intencional e por isso nos preocupamos com a educação.

Desse modo, encontramos-nos em conflitos e diversidades, diante dos quais a prática pedagógica será revelada pelas possibilidades de superação dos obstáculos, na expansão de sua atuação, sempre em função de uma intencionalidade. Portanto, o papel da Pedagogia e do pedagogo em outros espaços traz consigo o caráter da intencionalidade daquilo que se deseja em diferentes espaços educativos. Porém, essa intencionalidade não pode ser definida, determinada e identificada unicamente pelo espaço onde atua o pedagogo. A intencionalidade educativa requer uma opção teórico-metodológica que a ancore, que a fundamente, que a esclareça sem escamotear objetivos, fins e meios ideologizantes. É preciso enfrentar a manipulação e massificação ante os grupos trabalhados e as alianças de poder que destoem de

uma Pedagogia Crítica a qual liberta e amplia os horizontes na construção do homem humanizado.

Para Carreras e Molina (2006, p. 34-35), a educação se cria e recria em espaços diversos e, portanto, cabe à Pedagogia, como ciência, responder às demandas sociais, conceituais, técnicas e éticas em sua função científico-profissional. Concordamos com a ideia de que a Pedagogia não pode atuar sobre outra Pedagogia. A Pedagogia não é objeto de outra **Pedagogia**. Portanto, em espaços distintos, em contextos diferentes, em níveis diversos e, em modalidades díspares, a Pedagogia continua tendo por seu objeto a educação e, continua sendo Pedagogia. Neste sentido, é uma necessidade trazer à tona a essência do objeto da Pedagogia, a educação que é social.

A ideia de despersonalizar o campo da Pedagogia a partir dos espaços não-escolares (pedagogia disso ou daquilo/ pedagogia hospitalar, empresarial etc...) pode ser considerada uma ideia neoliberal, que a desconsidera como campo científico que estuda a **educação** em todos os níveis, contextos e modalidades. Esse processo leva à desqualificação do trabalho pedagógico tratando de ressignificá-lo em outros conceitos como *heutagogia* e *andragogia*. Até parece que ao identificar o trabalho pedagógico dentro de outra terminologia se estaria garantindo a concepção teórica transformadora e emancipadora. Todavia, sabemos que não é tão simples assim. Senão, vejamos outros termos que já vem sendo usados: Pedagogia empreendedora, Pedagogia ambiental, Pedagogia do Amor etc. Não é este o nosso enfoque.

Com licença científica, é possível dizer que a Pedagogia é o princípio que fundamenta os objetivos, os fins e os meios da educação que acontece na escola e fora dela. Não se concebe uma ciência se constituindo pela competição dentro do mesmo campo científico, o qual possui o mesmo objeto de análise: a educação. A adjetivação fortalece cada vez mais a fragmentação e o corporativismo. Querem identificar as fronteiras da prática, sem nenhuma, ou pelo menos, com pouca sistematização teórica sobre a concepção científica que as fundamente e justifique. Sugerem-se explicitações teóricas de cunho eclético, se estabelecem cursos sem fundamentação ou, na melhor das hipóteses, apresenta-se uma base que atende à lógica utilitarista. É urgente superar a tal necessidade de se buscar novos termos para identificar o campo científico da Pedagogia. Essa é uma atitude que leva a soluções

imediatas para problemas complexos. Não se vê tais investidas na filosofia, na psicologia, na sociologia, e em outras áreas.

É preciso insistir que a Pedagogia, como ciência, data do final do século XVIII, tendo em Johann Friedrich Herbart seu precursor (FRANCO, 2008, p. 32). É uma ciência que se sistematiza para um saber ensinar, portanto, contempla uma intencionalidade sobre o seu objeto que é a **educação**. A delimitação sobre o objeto se dá por meio das pesquisas que acontecem no mesmo campo científico, com a finalidade de fortalecê-lo e não fragmentá-lo ou segmentá-lo. O sentido percorrido é de desenvolvimento e de articulações entre os níveis, contextos e modalidades. Ou pelo menos deveria ser!

Portanto, negar a importância do trabalho pedagógico intencional interpretando outros espaços é desprezar o processo educativo que acontece fora do ambiente escolar. De outro modo, interpretá-lo e intervir nele é função pedagógica que requer intensa dedicação. Utilizando-se dos conhecimentos da ciência pedagógica, amplia-se sua efetivação sem desvio de seu objeto fundamental que é a educação e a ação pedagógica empreendida para tal, além de não perder seu objetivo principal que é educar o homem, e que não se confunda com outras ações: compensatórias, paternalistas ou mercadológicas.

Promover, produzir e efetivar uma Pedagogia que interpreta o social requer envolvimento e investigação dessa realidade sociocultural construída no sistema capitalista, globalizado e neoliberal. Realidade que reflete interesses, objetivos e intenções de produção visando o lucro, pelo viés da competitividade e da meritocracia. E, na mesma ótica, está o sujeito marginalizado da vida social enquanto cidadão, por vezes excluído da vida produtiva, enquanto excluído do mundo do trabalho, por outros homens, “opressores”, no conceito de Freire. Essa é uma empreitada conflituosa que se fundamenta no processo dialético de reflexão de uma Pedagogia para o Social, dinâmica constante a que são submetidos os pedagogos que refletem a cultura e a educação produzida socialmente.

Portanto, o processo educativo requer uma reflexão mais nobre sobre o social e sobre a cultura ali produzida. Não é apenas criar novas ocupações para o pedagogo, em novos espaços. É, acima de tudo, querer uma educação diferente, de cunho libertador e comprometido com a coletividade. Uma educação que, além dos

conteúdos cognitivos dispostos nas matrizes curriculares, dê atenção à “sensibilidade social”, donde surgem as mazelas sociais que prescindem de aprofundamentos. Porém, não são mazelas unicamente paternalistas, mas que identificam a falta de sensibilidade social, a negação da estética e da ética no interior do convívio coletivo, que importa ser mais político. É ir ao encontro da maioria e estabelecer vínculos concretos que convidam e provocam ao ato reflexivo.

A escola brasileira, atualmente, vem se preocupando com a diversidade, o multiculturalismo, a inclusão, a consciência negra e a consciência de gênero em todas as suas manifestações. Para trabalhar tais aspectos, ousa-se afirmar que é necessário, e urgente, uma formação que parte de uma concepção pedagógica sociocultural e socioeducativa. Esta formação está fundamentada na perspectiva da Pedagogia que é social. E, portanto, promover uma educação emancipatória em espaços escolares e não-escolares, sem esquecer que tais espaços têm objetivos e/ou metas e missões diferentes, não é tarefa simples, É UMA TAREFA PEDAGÓGICA. A práxis educacional vai se constituindo nesse processo reflexivo, o qual interpreta a realidade e promove sua intervenção sem perder sua objetividade teórico-metodológica, que é pedagógica (enquanto concepção educacional) e intencional (enquanto prática social). Uma práxis pedagógica mais aprofundada e mais adequada para promover a convivência humana, na qual não se busca atrincheirar-se frente aos demais, mas sim que todos se capacitem na convivência compartilhada com mais esperanças na vida e percebendo que, no coletivo, nós fazemos mais e melhores. Portanto, é imprescindível estar atento para não cair no engodo ideológico que, por vezes, torna-nos submissos e descrentes do poder que todos têm em educar para transformar e melhorar a convivência humana.

A Pedagogia vai além da escola, porém, não a abandona e toma o contato objetivo com a realidade dos sujeitos. Nesse contato, a intervenção metodológica terá novas possibilidades? Certamente. A fundamentação teórica também será ampliada, mesmo seguindo uma concepção como fundamento, o processo de argumentação será inter-relacionado, promovendo a abordagem interdisciplinar. No entanto, sempre dentro do mesmo campo, o pedagógico. A Pedagogia para outros espaços não se afasta do campo científico, mas é um “espaço de ponto de vista”, como definiu Bordieu (2004).

Para Carreras e Molina (2006, p. 34-35), a educação se cria e recria em espaços diversos e, portanto, cabe à Pedagogia, como ciência, responder às demandas sociais, conceituais, técnicas e éticas em sua função científico-profissional. É na realidade social que se exigem novas formas de enfrentamento, redimensionando tempos, espaços e formas de participação, também nos processos educativos em contextos escolares e não-escolares. Tais demandas exigem novos processos de formação que precisam considerar não só as teorias, as técnicas que aplicadas garantem a competência da profissionalização, mas o processo formativo na Pedagogia que coloca os sujeitos em diálogo constante com as contradições advindas da realidade vivenciada.

É perceptível a dimensão da práxis, que embasa a concepção e a formação na Pedagogia que se constitui com o Social. Promove-se o pensamento para a ação participativa cidadã, ou seja, coletiva e cheia de significado. Assim é o **coletivo**, mais um aspecto inerente à Pedagogia na perspectiva política de participação. A inserção, nesse contexto, afasta, segundo os resultados da nossa análise, a educação e a Pedagogia de um processo utilitarista e conduz ao processo de mudança reelaborado criticamente, como um **contrafogo**³, no qual a **consciência emancipada**, segundo Freire (1982), faz-se construída.

Essa concepção perpassa a ideia de que a Pedagogia é um campo específico de conhecimento, o qual, como práxis social, faz-se um campo aberto à novas análises e perspectivas distintas sobre o mesmo objeto e, por isso, demanda novas articulações dentro do processo de formação. É urgente estancar o vácuo entre o campo de referência científica da Pedagogia e suas demandas de formação. Tal possibilidade está se delineando pelas pesquisas que enfrentam o descompasso entre a epistemologia, a práxis e o campo teórico-metodológico.

Não é necessária a transposição de terminologias e sim o aprofundamento rigoroso que se traduz em pesquisas sobre as demandas e práticas expressas no mundo contemporâneo. Assim, é a Pedagogia: social, cultural e política. E esses são os adjetivos que importam à análise e a reflexão do campo científico, como trabalhou

³ BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bourdieu (2002). Os escritos de Ferreira (2022) revelam a dinâmica que nos interessa profundamente,

[...] o “pedagógico”, como qualificação e potencialidade, é sempre político, por implicar escolhas e ações humanas, dentro dos contextos sociais onde acontece. E, ainda, se trata de trabalho, mas o adjetivo “pedagógico” lhe caracteriza e este, como modulador, abriga o conjunto de características que interferem e potencializam a produção do conhecimento, desde a infraestrutura escolar até a convivência entre professores e estudantes, das cores que decoram o ambiente à organização da aula, passando por todos os aspectos culturais, políticos e sociais que possibilitam haver uma relação entre sujeitos que visam a conhecer. (FERREIRA, 2022, s/p).

Diante desta análise, ousamos indicar que a pedagogia, como ciência, elabora-se com o social e, portanto, suas análises sobre o processo educacional como direito de todos em qualquer espaço será *ad æternum*, porque a sociedade é dinâmica e o mundo dado é um mundo dando-se, como nos lembra Freire. Diante destas argumentações, o pedagógico é um adjetivo que estabelece o fundamento para a prática da educação quando intencionalmente problematizada, pela Pedagogia, em espaços escolares e não-escolares. Portanto, é a Pedagogia a ciência que analisa a educação, que traz seus adjetivos para uma identificação mais específica, bem como os verbos para ações mais objetivas. Já a pedagogia é Pedagogia!

CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA ESTE TEXTO

Atualmente, temos alguns exemplos de como a política busca atender às demandas emergentes, mas não há preocupação em fomentar a formação. Senão, vejamos: nos hospitais, o pedagogo tem espaço para sua prática dentro das brinquedotecas, que se tornam espaços obrigatórios nas unidades de saúde que ofereçam internamento pediátrico, a partir da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Além disso, no Estado do Paraná, existe o programa SAREH – Serviço à Rede de Escolarização Hospitalar. Este programa atende à educação formal, ou seja, atende à criança que está hospitalizada com os conteúdos formais da escola. Assim, a criança não tem prejuízos no processo de integralização da educação regular. Nesse contexto, é importante salientar que o processo, quase nunca é apenas educacional, mas também socioeducativo, carregado de afetividade e incentivos. Portanto, é

possível que se manifestem concomitantemente, como no caso do espaço escolar, os dois processos: o **educacional** e o **socioeducativo**.

Os educandários que vão sendo abertos e recebem jovens em situação de risco com a justiça, necessitam organizar-se sobre as medidas socioeducativas que no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8069/90, são identificadas como: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida; semiliberdade e internação. A internação, que acontece dentro dos educandários, é gestada também por pedagogos, entre outros profissionais. Além disso, nas penitenciárias profissionalizantes são implantadas salas regulares de educação de jovens e adultos, nas quais atuam professores e pedagogos. Sem dúvidas, esse é um espaço novo, com um protocolo bem distinto do atendimento em espaço escolar. O processo educacional vai além do socioeducativo, “a questão fundamental é a qualidade da formação de quem faz a mediação entre os objetivos da Educação e os objetivos da pena e da prisão, e é esta a tarefa que se quer seja assumida pela Pedagogia Social” (SILVA *et al.* 2009, p. 299). Acrescenta-se a informação de que o Patronato Penitenciário do Estado do Paraná possui a área de Pedagogia para atuar na “orientação educacional” e na “capacitação profissional” dos sentenciados e seus familiares.

Portanto a Pedagogia vai se fortalecendo no seu processo de análise sobre seu objeto o qual precisa ser estudado em diferentes contextos sem perder a essência de ser a ciência da educação. Estamos neste caminho para socializar as considerações e o pensamento sobre a pedagogia confiantes na sua dimensão crítica e auto-avaliativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL- MEC/CNE/CP. **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf.

BRASIL- MEC/CNE/CP. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192.

BRASIL-MEC/CNE/CP. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019.**

Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=135951-rcp002-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007

BEILEROT, Jack. **A sociedade pedagógica**. Porto: Rés Editora, 1985

BORDIEU, Pierre. **Campo de Poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Montessor/Junga Simbólica, 2002.

BORDIEU, Pierre. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. **Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos**. Cadernos de Educação: PPGE/UFPEL/Faculdade de Educação Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2737>.

CAMORS, Jorge. **A pedagogia Social na América Latina**. In: SOUZA NETO, João Clemente *et al* (org.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009.

CARRERAS, Juan Saez; MOLINA, José Garcia. **Pedagogia social: pensar la educación social como profesión**. Madrid: Alianza, 2006.

FERREIRA, Líliliana Soares. Análise dos movimentos de sentidos sobre trabalho pedagógico na pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Santa Maria, RS, Brasil: Universidade Federal de Santa Maria, v. 27, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/BsgBNVhFqdv6ZDmNGyNjQby>.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; MOTA, Guadalupe Correa; SILVA, Lisley Gomes. Pedagogia crítica: por uma epistemologia crítica e insurgente. **Revista educere et educare**; UNIOESTE. vol. 16. nº 38, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/25478/0>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

MOREIRA, Jeferson da Silva; PIMENTA, Selma Garrido. Pedagogia e pedagogos entre insistências e resistências: entrevista realizada com a Prof.^a Dr.^a Selma Garrido Pimenta. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, UNISANTOS. Santos-São Paulo UNISANTOS, v.13, n. 31, Especial, p. 925-948, novembro 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1180>.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores associados, 2002.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. São Paulo: Centauro, 2002.